

BOLETIM

DA

REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHTECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

ARCHITECTURA CIVIL
E
CONSTRUÇÕES

N.º 12

ARCHEOLOGIA HISTORICA
E
PREHISTORICA

SUMMARIO D'ESTE NUMERO

SECÇÃO DE ARCHITECTURA :

O que significa a architectura ogival?.....	Pag.	177
Architectura dos povos da antiguidade (continuação) pelo sr. J. P. N. DA SILVA	"	181
Casa dos vinte e quatro pelo sr. J. DA SILVA	"	184

SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA :

Explicação da estampa n.º 44.....	"	187
CHRONICA DA ASSOCIAÇÃO.....	"	188
NOTICIARIO	"	189
ÍNDICE.....	"	191

SECÇÃO DE ARCHITECTURA

O QUE SIGNIFICA A ARCHITECTURA OGIVAL?

Ainda ha pouco se julgava que a forma da ogiva tinha vindo do Oriente, como uma das conquistas adquiridas pelos cavalleiros das Cruzadas; porém recentes descobertas feitas nos monumentos mais antigos da Grecia, e mesmo do Egypto, vieram destruir tal opinião. Não foi essa forma caracteristica aquella que deu origem á architectura chamada gothica, pois que não depende unicamente de se combinar uma forma geometrica a criação de um systema d'architectura; porque, d'esta maneira, haveria tantas architecturas diversas quantas as figuras pertencentes a um compendio de geometria descriptiva.

É uma idéa mal fundada suppôr que a ogiva seja essencialmente originaria de um logar especial, e que não possa existir senão em uma latitude unica; mas, sim, deve-se acreditar que foi produzida espontaneamente em toda a parte aonde a mão do homem procurou traçar com um compasso arcs dentro de um angulo; e por esta razão não é para admirar que em qualquer região do globo habitado por um povo um pouco civilizado se encontre um exemplo da applicação d'esta figura, uma das mais simples da segunda secção da trigonometria.

O que constitue um systema d'architectura não é pois um fragmento, nem uma forma isolada, nem tão pouco um acaso; mas sem duvida é devido a uma serie de idéas e de regras concordantes, ou habilmente deduzidas. Querer acreditar que o typo gothico dependeu do capricho de um architecto Arabe ou Chinez, por se haver alguns seculos antes lembrado de delinear uma porta ou janella quebrando o arco da verga em segmentos desiguaes, isso seria o mesmo que julgar o germen da cupula do Pantheon ou de Santa Sophia como sendo uma imitação das chôças circulares feitas de terra, que serviram de abrigo aos Céltas!

Procurando-se definir a origem d'esta arte, vemos que não se limita sómente a applicar um *arco de ponto subido sobre uma parede*; mas tem por objecto combinar todas as propriedades d'esta forma a sua applicação á statica, á economia da construção; dando-lhe a prespectiva e a decoração. Descobriu igualmente o segredo de dar aos edificios mais leveza e solidez ao mesmo tempo, mais extensão apparente sobre uma menor superficie real, aos membros architectonicos maiores desenvolvimentos e proporções até então desconhecidas, empregando-se materias de menor custo, por não necessitar que tivessem grandes dimensões differentes d'aquel-

les que eram essenciaes para servirem nas construcções antigas. Considerando-se a questão por esta forma, apresenta-se ao espirito cheia de interesse, e é digna de graves meditações. Sem duvida a origem de uma arte nova é o signal evidente de uma revolução effectuada na intelligencia humana; e portanto merece ser analysada com toda a reflexão.

A architectura foi a primogenita de todas as artes; é um axioma que ninguém nega. Quando teve o homem o pensamento de erguer os primeiros sanctuarios, elles foram construidos semelhantes ás cabanas que havia formado para si, tendo unicamente por adorno as primicias das colheitas, ou da caça e dos rebanhos. Mais tarde, comprehendeu que a morada de Deus devia exigir mais alguma distincção do que exigia um simples abrigo ao caçador e ao pastor.

Esses templos rusticos no principio ornavam-se apenas de flores e grinaldas; depois mão de operario intelligente, ou de gosto mais delicado, poliu as superficies e quebrou-lhes as arestas. A forma cylindrica dos troncos das arvores, que sustentavam o tecto d'esses templos primitivos, veio a ser mais tarde o rudimento da columna; e a architectura acabava de ser inventada, tendo-se achado o rhythmico para a divisão da ordem architectural. A escultura decorativa não se demorou a auxilia-la, rustica ainda nas suas primeiras formas, como fôra sua irmã, porém aperfeiçoando-se simultaneamente: portanto tudo nos indica que a divindade deu a origem das primeiras obras d'arte. Já os deuses possuíam um sanctuario, em quanto os homens tinham apenas cabanas para sua habitação; é pois nos templos que se deve procurar, tanto o symbolo dominante da crença de um povo, como o typo de sua architectura.

O caracter particular de cada povo, as circumstancias que occorreram para se formar em corpo social, teriam necessariamente contribuido muito a causarem as diferenças que se notam nas diversas theologias, que a historia do mundo nos tem transmittido até ao presente; porém a influencia do clima haverá talvez cooperado mais poderosamente ainda que nenhuma outra cousa. Porquanto é sabido que as idéas e as necessidades dos homens nascidos sobre as areias da Africa, ou nas planicies da America não podem ser as mesmas que as dos habitantes dos medonhos bosques da antiga Germania. Os deuses da India não se podem assimillar ao Deus do Atlantico. A arte apresentará pois um duplo character, que revelará a dualidade de sua origem.

Admittindo mesmo a existencia e o poder do principio organico, independente das causas accidentaes das localidades, não ha duvida que os bosques teem successivamente desaparecido da maior

parte do solo, assim como a athmosphera se tem purificado; estradas e canaes vieram substituir o movimento á inercia; as letras e as artes floresceram pelo seu turno, aonde a ignorancia fôra systematicamente invencivel. O Christianismo deveria ter tido os seus bosques sagrados, como tivera o druidismo, ao qual veio substituir, e elle os imitou nas suas egrejas gothicas. Um culto cheio de mysterios, que tinha por limite o infinito, por dogma o peccado, a redempção e o julgamento final; um culto creador de uma poesia sem haver outra analogia, onde a ingenuidade toca o sublime, onde as allegorias são esperanças ou causam temor; fazendo elevar o pensamento além do entusiasmo, ou confundindo-o surprehendido pela vertigem; este culto deveria necessariamente produzir uma das mais maravilhosas concepções intellectuaes do mundo, encerrando os typos da sua dupla origem. A architectura religiosa foi a unica e verdadeira poesia d'aquella epoca, foi a voz que annunciou ao mundo material a alliança mystica que se acabava de realisar.

Ella fez surgir o artista poeta que a comprehendeu perfeitamente, que, se podesse reproduzir essas idéas sublimes, evitando todavia de imitar a arte grega nas suas allegorias de convenção, as quaes unicamente pela sua belleza deixam algumas vezes de parecer glaciaes e mesquinhas; seria superior ás producções da arte antiga, se podesse, repito, crear uma hierologia nova, imitativa e harmonica, penetravel sobre tudo mais pelo pensamento do que pelos sentidos; mais attractiva pela alma do que pelo entendimento; que pela vastidão, apresentaria o mysterio, da união do mundo com Deus pela oração! Foram estes os elementos do problema da architectura religiosa: problema que não podia ser concebido e resolvido, senão por um genio poderoso, inspirado pela luz de uma fé viva. Foi o que aconteceu com a origem da architectura ogival; tendo o ingenho do artista representado dignamente as inspirações da Fé, sem cujo auxilio teria produzido obras extravagantes o seu talento; porém, guiado por esse luminoso facho, a sua inspiração foi sublime.

Para se comprehender o valor d'este grandioso pensamento, é preciso analysar o aspecto da fachada de uma igreja gothica. Logo á primeira vista, mostra não se assemelhar em cousa alguma ao frontespicio de um templo antigo. Debalde se procurará descobrir a disposição do seu madeiramento, porque não sujeita a altura do edificio ás distribuições da parte interna d'elle. Essas combinações impostas ao operario antigo, que o talento do architecto grego se limitou a cobrir com ornatos, e a representar com elegancia, a architectura ogival despresas, pois não é a intelligencia, mas unica-

mente a alma que ella affecta. O seu fim é menos marcar a entrada do templo, que o formar a barreira de separação e do esquecimento entre a vida real, da qual nos separamos momentaneamente, e da existencia toda espirital para que nos vamos preparar: apparece obscuro e impenetravel á vista e ao entendimento, como é denso o véo que nos occulta a vida futura!

Se decompomos este vasto e magestoso prefacio, notaremos no seu frontespicio como vão progressivamente diminuindo essa escuridão e o peso dos seus ornatos á medida que se afasta do solo, servindo-se para isso de galerias, espelhos encaixilhados, nichos, cordões em festões, rendilhados delicados, que cobrem e se multiplicam sempre até ao ponto onde o seu corpo massivo, dividindo-se por recortes, deixa sobresair essas torres, essas frechas, e esses pinaculos de todas as alturas e de diferentes dimensões, parecendo empregar esforços para chegarem ao Ceo, e levarem até aos pés do throno do Ente-Supremo os perfumes do incenso e as supplicas dos fieis.

Essas gigantescas fachadas se confundem por este modo, pela base com a terra d'onde saem, e com as nuvens, pelas suas extremidades superiores, leves como a região nas quaes se elevam. Sublime allegoria da oração! Symbolica representação d'essa cadeia infrangivel que une a terra ao Céu, a creatura ao Creador!

Transpomos depois o portal impressionados pela agitação mysteriosa que nos domina. Ó maravilha! Que repentina mudança! Em lugar d'esse aspecto solemne e melancolico esculpido nas venerandas fachadas das egrejas gothicas; vê-se um admiravel espectáculo resplandecente de gloria que nos rodeia! Quanto são bellas, e magnificas essas abobadas ou-sadas, sustentadas por columnas aerias, das quaes mal se pode calcular o numero, nem a maneira como são executadas! pois são innumeraveis na formação dos pilares, e de tão esbelta e delicada configuração, que não se acredita serem feitas de marmore. Debalde a vista percorre atravez d'essas naves abertas em toda a altura para sondar a extensão. Esse templo não tem limites visiveis, porque o architecto soube encobril-os com um tecido transparente, em que as illusões da optica se distanceam sem fim. A contemplar esse character grandioso lavrado na obra architectonica da idade-media, acredita-se sem hesitar, que o seu auctor estava penetrado do sublime creado por Deus, a quem esta fabrica era erigida. Não se pode, examinando esse sem numero de fustes de todas as alturas, de diâmetros differentes, pittorescamente dispostos, deixar de contemplar essas arcadas esguias que sustentam as penetrações das abobodas, das quaes as ramificações encruzando-se de todos os modos lembram muito

naturalmente os ramos das gigantescas florestas! É pois impossivel duvidar das duas origens onde o architecto foi buscar as suas inspirações, e o character mui especial da sua intelligencia superior que soube produzir no marmore tão surprehendentes construcções.

As proporções prescriptas pela architectura antiga e suas divisões restrictas, não lhe consentiam poder dar aos seus edificios esse character aerio, essa apparencia immensuravel que fórma o typo particular da architectura ogival.

Vejam os effeitos que se nota nos edificios religiosos de outro typo de architectura, tomemos por exemplo a grandiosa igreja de Mafra, em cuja obra se assentaram as regras de architectura antiga; á primeira vista parece ser uma egreja de grandeza vulgar; é preciso que a experiencia possa comparar as distancias, para fazer reconhecer as suas dimensões gigantescas.

Pelo contrario, ao primeiro aspecto da bella igreja gothica da Batalha, mesmo a do Carmo no seu estado de ruina, nos apresenta logo á vista como sendo infinitamente maior, posto que não seja realmente assim; pois a primeira tem de comprimento o duplo da segunda, e esta é uma terça parte mais pequena que a de Mafra. Mas esse agradável erro, produzido pela illusão, provém da admiravel differença que tem a architectura ogival: pois que a architectura pagã, estando estabelecida sobre as proporções do *corpo humano*, não se presta de nenhum modo a tudo aquillo que as excede; ficando impossibilitada absolutamente de poder representar as ideias abstractas, e mui principalmente a immensidade.

Nunca poderão duas ou tres ordens de columnas sobrepostas, sejam jonicas ou corinthias, collocadas para sustentar um tecto, ou uma abobada circular, alcançar o aspecto grandioso d'essas admiraveis naves da egreja de Alcobaça, da qual a abobada ogival, descansando sobre os fustes delicados de um modulo arbitrario, se eleva atrevidamente de um unico lance desde o pavimento da nave até á abobada! Nunca a archivolta com o seu arco abobadado, e menos a severa architrava serão apropriadas ao effeito da perspectiva; em quanto o arco agudo interrompendo-se diagonalmente pela continuação de outros arcos semelhantes se presta admiravelmente a produzir esse effeito de optica. Nunca os pilares das arcadas romanas, mesmo estando sobre todas as suas faces ornadas com pilastras, ou de columnas enriquecidas de estrias, pôdem igualar a belleza d'esses pilares enfeixados subdivididos por columnas, os quaes alinhando-se todos pelo angulo dão essa maravilhosa grandeza ás naves. É pois pelo alongamento das fórmas, proveniente do uso da ogiva, assim como pela suppressão das grandes superficies parallelas e dos entablamentos em

cada andar sobreposto conforme se distinguem as ordens, que a architectura ogival obtem as illusões da sua agradável perspectiva, a qual dá a suas mysteriosas egrejas uma apparencia ainda de maior amplitude, e causa em nós esse recolhimento profundo que nos commove e subjuga.

Foi tambem recortando todas as fôrmas architecturaes de que ellas se compõem, com o fim de reter em todas as partes do edificio algumas parcelas de uma luz vacillante, sem lhe deixar formar escuridão em nenhum ponto, que o architecto conseguiu dar á sua obra uma leveza quasi aerea, que a faz parecer mysteriosa e emblematica, enchendo o espaço das naves d'uma atmospheria scintillante e phantastica; e tendo o poder de desorientar a comprehensão, mesmo d'aquelles que tiverem a vista mais exercitada para examinares os prodigios executados pela architectura civil.

Por esta fôrma surprehendente é que o architecto christão satisfez ao programma que se havia proposto resolver, havendo reunido admiravelmente na sua obra o mysterio e a immensidade.

Todavia, não obstante os admiraveis e maravilhosos effeitos que pôde produzir esta architectura, o estylo gothico não teria merecido o nome de arte especial se não tivesse sabido subordinar suas fôrmas pittorescas ás exigencias atmosphericas e geologicas. Não era sufficiente aos architectos da idade média meditarem sobre as fôrmas novas a produzir, era muito essencial que ellas fossem apropriadas materialmente ao clima, para se poderem construir esses edificios com os materiaes que o solo lhes offerecesse.

Além d'isso o diminuto esforço que exerce o arco ogival em comparação do arco de volta perfeita, tornava-o infinitamente preferivel para ser empregado n'esses vastos edificios, onde os pontos de apoio construidos com materiaes de pequeno volume, e por conseguinte de pouca traveção, não ficavam consistentes pelas archivoltas.

Este desprendimento obrigou o emprego dos arcos salientes collocados diagonalmente aos arcos parallelos, e esta necessidade de assim se construir apresentou uma nova prova da imitação *silvestre*, que ao mesmo tempo facilitou substituir as pedras cortadas de grande aparelho por outras de todos os tamanhos e de menor custo; economia esta muito attendivel, e mesmo indispensavel para certas localidades.

Todas as condições que fazem uma architectura apropriada ao clima, foram observadas na nova construcção, pelo que se faz mui particularmente notar a architectura ogival.

Aquelles que deram o nome de architectura sarracena a este estylo, inverteram a sua origem pela apparencia aonde ella parecia dominar; tendo isto

acontecido em uma época em que a arte antiga era a unica estudada; em quanto a historia da idade média estava reputada ser um enfadonho romance; pois não haviam ainda pensado no estudo da archeologia e em rectificar pela classificação dos monumentos o seu valor artistico, por isso reputavam a sua imitação como se fosse o verdadeiro typo! Muito longe de supporem que os cavalleiros cruzados haviam trazido a architectura ogival dos Logares Santos, pelo contrario elles a tinham ali introduzido, como se fosse um tropheu plantado pela sua passagem n'aquelle paiz. E para desvanecer qualquer duvida a este respeito, bastaria considerar que a Alhambra, essa admiravel obra prima da arte oriental, pertence ao meado do xiii seculo.

Persuadido de ter demonstrado sob quaes fôrmas as influencias moraes com que se constituiu a architectura chamada gothica, pôde-se julgar qual será a rasão por que nos *tempos modernos se não tem produzido* nenhum estylo novo em architectura; visto que só uma verdadeira Fé pôde despertar e fecundar a imaginação para crear obras assombrosas e de subido merecimento.

Quando o sensualismo, ou o materialismo (termos estes synonymos) reduziu tudo á mesma bitola da pequenez do homem, substituindo o espiritualismo, ouzando arrojar-se na immensidade Divina, como aconteceu no xvi seculo, patenteou desde logo qual era sua esterilidade, pois, em lugar de fazer ver o engenho que domina e se inspira, não mostrou nas suas obras mais do que o talento practico, como uma enfraquecida faculdade, só propria para saber copiar, obedecendo-lhe unicamente para imitar o que outros haviam inventado e executado.

Então ficou a phantasia, d'ora ávante, substituida á crença, e por este motivo se edificam templos para Jupiter, em lugar de egrejas para Christo!

A ogiva, essa fôrma ouzada, tão perfeitamente christã ficou abandonada, conjunctamente com as antigas lendas.

Entre as diversas causas que favoreceram na idade média (posto que dilacerada por guerras, não podendo dispôr d'uma industria adiantada, e tendo pouco desenvolvida a sua prosperidade), haver-se edificado um tão extraordinario numero de egrejas monumentaes, e tão surprehendentes pela riqueza architectural da maior parte; nota-se a influencia poderosa que exerciam as antigas ordens religiosas: d'onde é tambem proveniente a semelhança constante n'essas numerosas construcções ogivais.

Portanto julgo ter demonstrado que a architectura ogival não só foi inventada para significar da maneira a mais sublime o culto christão, mas unicamente que a poesia d'essa religião fraternal, é que poderia inspirar aos architectos o delineamento d'esses grandiosos edificios gothicos. Essas con-

strucções foram as únicas compreendidas pela vontade e pelo trabalho d'uma sincera devoção; as vozes dos obreiros entoando os canticos divinos, indicavam igualmente a bella harmonia que dominava os animos d'esses trabalhadores religiosos, como se observa nas obras d'arte por elles executadas. Em tudo se confirma a sua origem, e determina a significação positiva para que o estylo ogival foi creado. Esta architectura é a unica que tem a faculdade de causar em nossa alma esse effeito admiravel da grandeza de Deus, infundindo em nós o sentimento da immensidade, que se experimenta dentro de tão soberbos edificios religiosos; portanto não se pôde desconhecer que esta architectura é a mais propria para representar com veneração a religião christã e dar magestade ao culto do Ente Supremo; causando o enthusiasmo pela Fé, que exaltou a imaginação do artista para produzir essa poesia divina manifestada no marmore e nas portentosas construcções religiosas da idade-média.

ARCHITECTURA DOS POVOS DA ANTIGUIDADE

(Continuado do n.º 9 pag. 144)

Temos relatado quaes foram os monumentos mais antigos do Indústão, e o modo especial da sua construção, assim como o caracter pertencente á sua arte monumental; parecendo serem os seus templos fundidos ou fabricados de um só jacto tanto pela configuração que deram á rocha como pela maneira de serem talhados, ficando os templos inteiriços.

Expozemos que a architectura d'este paiz estava explicada nos seus quatro livros sagrados, designando-lhe as regras, as formas, as proporções e dimensões que deviam seguir-se rigorosamente; notámos igualmente quanto era poderoso o culto que o indigena professava aos seus idolos, e a convicção que o dominava, prestando-se sem constrangimento a trabalhar n'essas escavações destinadas para a morada de suas divindades. Não só cumpria este trabalho como um preceito religioso, mas tinha ainda a fé de alcançar a *vida celeste*, empregando-se n'estas obras, conformando se todavia com as regras prescriptas nos seus codigos sagrados. Só por esta maneira a nossa razão poderá conceber como os indios tivessem tão excessiva paciencia e extraordinaria perseverança e a surprehendente temeridade de executarem esses assombrosos monumentos.

Para apresentar mais uma prova d'estes prodigiosos trabalhos, que ainda hoje os actuaes habitantes d'esta celebre região reputam terem sido os deuses sómente capazes de haver executado, descreverei as maravilhosas cavernas de *Adjunta*.

Pertence Adjunta a uma muito antiga cidade, si-

tuada a 25 kilometros NO. de Aurungabad na provincia d'este mesmo nome, no Indústão. O paiz onde foi edificada é muito montanhoso, e por esta razão occupa uma posição muito forte: presentemente está quasi toda em ruinas. Entra-se n'esta cidade por um caminho em declive, atravez de montanhas, passando-se por uma unica porta, ultimos vestigios das fortificações d'essa praça de guerra, a mais importante do paiz de Decan.

A 6 kilometros SO. da cidade, encontram-se as curiosas grutas de Adjunta, em um valle estreito e profundo, tendo a configuração de uma ferradura; forma escolhida de proposito para estas escavações religiosas. As grutas foram abertas nos flancos quasi verticaes das montanhas, e ao centro da parte concava, ficando a entrada voltada para o Sul. Vê-se n'este lugar um grande numero de escavações consagradas ás diferentes divindades do culto professado pelos habitantes da India.

Estes templos, posto que estejam abandonados desde muito tempo, ainda hoje são visitados por muitos peregrinos.

A sua construção é da mais remota antiguidade; e não se pôde ainda fixar a epoca. Muitas d'estas singulares escavações constam de pequenos santuarios; algumas outras teem as dimensões de um grande templo; entre ellas existem algumas ornadas de esculpturas, que fazem ver qual era o grau de perfeição que a arte monumental tinha adquirido na India, n'essas epocas que se perdem na escuridão dos seculos.

Nota-se em todas, no seu interior, um elevado sóco de pedra tendo em cima uma especie de *ovo* gigantesco, representando o emblema da Divindade creadora; o qual foi configurado na propria pedra da rocha. Os lados que formam as paredes d'estes templos, conservam vestigios de pinturas, e em um grande numero de fragmentos estão ellas ainda intactas. Infelizmente o rebóco sobre que applicaram as côres tem-se despegado em muitas partes da rocha: porém o que ainda existe é bastante para se formar idéa de qual seria o grau da arte da pintura na India na epoca em que estas grutas se executavam. O seu estylo differe completamente das pinturas egypcias, e dá um caracter especial a estes monumentos. Sob o ponto de vista do merecimento artistico, estas grutas são muito mais interessantes que outras de que já nos occupamos, as de Ellora; posto que estas ultimas tenham mais fama: é verdade que occupam muito maiores espaços, mas tambem o trabalho artistico é muito mais imperfeito e rustico.

O que em Ellora mais surprehende é ser um templo inteiriço, tendo sido preciso escavar dentro a rocha de granito no volume de 12:000 metros cubicos; além de ficar o templo de Kelaça *sepa-*

rado inteiramente da rocha por uma passagem de 6 metros de largura; mostrando ter sido este trabalho um prodígio de paciência. Enquanto ás grutas de Adjunta, posto que sejam mais simples nos seus ornatos e de menores dimensões, é todavia o seu trabalho mais esmerado, os ornamentos de melhor gosto, tem as figuras desenho mais correcto e são modeladas com mais perfeição. A solidão e o silencio que quasi sempre ali reina, contribuem muito para augmentar ainda mais o interesse d'estes templos e admirar o seu curioso aspecto; fazem meditar quaes seriam os acontecimentos e os mysterios que teriam presenciado estes monumentos de uma outra idade!

*
* *
*

Tambem ha na ilha de Ceylão grutas abertas nos rochedos bastantemente curiosas; e Pagodes d'uma construcção singular, muito analogos a outros que existem no antigo Mexico; dos quaes me occuparei na continuação d'estes estudos.

A principal d'estas escavações tem para mais de 99 metros acima da planície, e é composta de quatro grutas contiguas; todas ellas encerram estatuas pintadas com cores as mais vivas, representando Boudha: n'este numero ha um idolo que está deitado, e occupa uma almofada de 15^m,84 de comprimento. Contam-se dentro d'estas 4 grutas 112 estatuas de perfeita execução, além de outras esculpturas que cobrem os muros, sendo todas allegoricas ao mesmo culto. Suppõe-se ter sido executada esta obra um seculo antes da vinda de Christo.

Os monumentos mais consideraveis da India, compostos de materiaes sobrepostos, são em primeiro lugar as fortalezas: estas praças de guerra, serviam ao mesmo tempo de habitação dos reis, de templo para os deuses e de lugar de defeza; como usavam tambem os Medas, os Persas e os Egyptios.

O palacio de Madoureh tem uma milha de circuito, a qual comprehende bosques, lagos, jardins, galerias, salas e muitas casas; assim como o seu competente e magnifico pagode, o qual representa uma pyramide com quatro andares, sendo a base construida de cantaria, e a parte superior foi acabada com tijolos vidrados.

Emquanto ao seu estylo, apresenta uma mistura de diversas formas e proporções, que não se pode designar a qual d'elles pertence. Ha pilares muito curiosos junto dos quaes tem encostadas figuras de monstros as mais extravagantes, que se podem imaginar.

O Fehoultry, ou hospicio, é de um aspecto magestoso, e lembra inteiramente as grutas cortadas nos penedos. O Pagode de Paujaour foi tambem edificado dentro de uma fortaleza, tendo de altura

66 metros, e é exteriormente composto de 12 andares com janellas fingidas.

O Pagode que hoje existe mais completo, é o de Syriagam na ilha de Madras: consta de 7 recintos separados com muros de tijolo; cada um d'elles contem piscinas para purificações; hospedarias para os peregrinos; pequenos templos para devoções particulares, e é rodeado de bosques, sendo as arvores de tamarindos.

O primeiro recinto proximo da parte externa tem em cada um dos seus lados uma grandissima porta de forma pyramidal, a qual se pode comparar aos *pylonos* Egyptios. O recinto principal é reservado para o idolo do Pagode, e por isso lhe chamam o *paraizo*.

O templo mais superior tem 3 portas; uma nave; um santuario, e no meio d'este um cubiculo para o idolo, o qual se representa sempre deitado. Ha á roda do santuario cinco renques de columnas de pedra, lavradas com esmero; assim como uma bandeira de extraordinaria grandeza, que se agita no cimo d'estes edificios. Muitas vezes as paredes, tanto internas como externas dos Pagodes, são revestidas de pinturas.

Mas de todos estes edificios que representa a arte monumental d'este genero, o typo mais completo da architectura religiosa das Indias é o Pagode Chalembon, situado no reino de Pangour, sobre a costa de Coromandel. O templo apresenta um recinto quadrilatero, tendo cada uma das faces exactamente voltada para os quatro pontos cardeaes; esta maravilha é feita de tijolo, revestida de duas ordens de lagedo; e quatro portas bastante largas lhe facilitam a comunicação. D'este recinto passa-se para um segundo, á roda do qual circula uma galeria com dois andares divididos em cellas, a qual é sustentada por columnas ricamente adornadas. Este segundo recinto é de forma irregular, feito assim de proposito para indicar que não ha perfeição nas obras dos homens.

Cada uma das quatro grandes portas tem em cima uma pyramide de 48^m,40 d'alto, dividida em cinco andares, separados por uma virola de cobre: todas as faces d'esta construcção acham-se cobertas de baixos relevos e ornamentos.

Um terceiro recinto está circumdado de porticos, semelhantes aos claustros dos conventos; no qual ha tres capellas, n'uma guarda-se a pedra adorada — tendo o nome de — *Essuara* — a divindade dos animaes domesticos; a segunda é a maior de todas, tem a estatua da divindade — *Nichinon* deitada sobre uma serpente com sete cabeças, a segunda pessoa da Trindade Indiana, e representa a conservação: toma de tempos a tempos uma forma visivel para beneficio do mundo; tendo-se já incarnado nove vezes, faltando ainda uma outra

vez, que será então na forma de cavallo o *exterminador Kalki*, o qual com um unico couce reduzirá o globo terrestre em pó. As quatro primeiras encarnações tiveram logar na primeira idade do mundo; as seguintes na segunda e terceira idade, a ultima acabará o periodo actual ou a idade *negra*. Nas quatro primeiras appareceram successivamente com forma de peixe, tartaruga, javali, leão, depois tomou a forma humana; primeiramente foi do *Brahma anão*, Vamana; em seguida o *Brahma guerreiro*, armado com um machado, e finalmente no formoso principe Rama, cujas aventuras são o assumpto do poema epico de Ramayana; livro que ultimamente foi trazido para França em 1865; e o acreditado Mr. Michelet deu uma curiosa analyse no seu livro intitulado a *Biblia da Humanidade* que produziu grande sensação. A ultima transformação representou Bouddha o Santo, a sabedoria por excellencia. Quando é representado como o primeiro Ente que saiu do mar primordial, d'esta divindade brota do embigo um *lotus*, que traz unido a si as duas outras pessoas da Trindade do Industão, Brahma e Siva. Tem quatro braços e quatro mãos, com uma d'ellas pega em uma cachamorra; com a outra em um disco; com a terceira em um busio, com a quarta n'um *lotus*, tendo a cabeça ornada de uma magnifica corôa de tres ordens, como uma especie de tiara. Ha fanaticos que o adoram na India a ponto de se fazerem esmagar debaixo das rodas do pesadissimo carro que conduz a sua estatua em dias de procissão! Tal é a cegueira do espirito humano, quando a instrucção não mostra o facho que illumina a razão, e faz adquirir ao homem o primeiro logar entre os seres mais intelligentes do mundo.

A terceira capella não tem cousa alguma no interior, e é chamada — a pequena sala. — Cinco pilares de sandalo occupam a entrada, e significam os cinco elementos; os outros dezoito pilares da mesma madeira, collocados diante da grade da principal capella, representam o numero dos livros sagrados especiaes do culto das Indias. A entrada d'esta mesma capella estão duas estatuas de porphyro, na attitude de defenderem esta passagem. Todo o edificio é coberto com folhas de cobre, e tem no remate nove esferas douradas, que indicam as nove aberturas do corpo humano: a tal ponto chegava nos Indios a mania de symbolisar tudo!

A pouca distancia do muro, que separa as tres capellas, ha uma grandissima piscina, para as purificações; e uma galeria superior gira em roda d'ella: ao Oeste d'este tanque vê-se o Oratorio Sacro, rodeado de porticos: e no fundo ha um estrado para servir de pedestal ao boi Nandi.

Ao Nascente e ao Meio dia d'este Oratorio, notam-se duas salas, servindo a maior, chamada sala das cem columnas, para abrigo dos devotos. A ca-

pella denominada do prazer, era destinada para a deusa em dias festivos, a qual tem á sua entrada quatro renques de columnas de 9^m,90 de alto, sem base nem capitel, ornadas com uma delicadeza admiravel; e que servem de porticos á grandiosa sala de 118^m,80 por 79^m,20, estando dividida esta sala por mil columnas monolithas de granito de 9^m,90 cada uma: o entre-columnio do centro é mais largo, e conduz a um pequeno templo, dividido por uma parede. N'esta segunda divisão está collocado um altar, que antigamente era todo coberto de chapas de ouro, e servia para se depositarem as offerlas que deviam ser consumidas pelo fogo sagrado.

O Pagode de Chalembon com os seus porticos, pyramides, capellas, salas, numerosas columnas, e grande numero de esculpturas, pode rivalisar com os mais prodigiosos monumentos da antiguidade.

Os pagodes, que, significam a casa do idolo, são no maior numero construidos de tijolos ou pedra, muitas vezes revestidos de marmore, de jasper, de porcelana, e até com chapas de ouro: os mais simples são de madeira pintados; e estes tem sómente um pavilhão servindo de santuario, e dois alpendres um opposto ao outro para o povo fazer as suas devoções. Estes templos os mais importantes tinham varios andares recolhidos uns dentro dos outros, cada um d'elles com janellas, e por cima das vergas remates imitando meias cupulas; e muitas vezes as suas paredes estavam cobertas de esculpturas. A parte superior acabava por um zimbório de curvas excentricas; ficando sempre a configuração e proporções d'estes templos determinadas por invariantes regras.

É para admirar quanto era fertil a imaginação dos artistas d'este povo, pela variedade das composições dos seus diversos monumentos, pela riqueza dos seus ornatos, e difficuldade de sua execução. Quanta differença notamos entre esta arte monumental e a que pertence ao Egypto: posto que a forma pyramidal seja seguida nos monumentos d'estes dois povos, não se pode colligir d'isto que possã haver analogia entre a sua architectura; porque essa forma era muito natural que fosse adoptada em todas essas construcções para dar a precisa estabilidade aos edificios de excessiva altura: e esta mesma applicação de forma, vemos em outros povos da terra seguida nos seus monumentos; pois não o foi unicamente pelos Egypticos, e pelos Indios, mas tambem pelos Persas, pelos Chinezes, pelos Mexicanos, e pelos Etruscos, como teremos occasião de comparar. Portanto a configuração pyramidal d'estes diversos monumentos de povos tão differentes não pode unicamente estabelecer a relação immediata entre a arte monumental d'essas differentes raças, como muitos auctores pretendem, fundando a sua opinião pela simples comparação da igual

forma n'essas distinctas architecturas, sem terem procurado a razão mais judiciosa, a de se obter a maxima solidez em monumentos de tão extraordinaria elevação.

(Continuar-se-ha.)

J. P. N. DA SILVA.

CASA DOS VINTE E QUATRO

D. João I fundou esta instituição mechanica no Senado de Lisboa, composta de dois operarios de cada officio, não só para o bom governo da cidade, como para serem os *Juizes Examinadores* dos diferentes officios mechanicos.

Entre as disposições geraes do regimento dos ditos officios as mais principaes eram as seguintes :

* * *

«O que se quizer examinar de alvenaria deve saber conhecer a terra, e o lugar onde começar a obra, segundo o que o terramento for, e o lugar em que houver de fundar, e saberá abrir os alicerces convenientes á obra, que ha de fazer ; deve saber lavrar huma fiada de cabeças bem estrocida, e igualada, rebada, e farta de cal, e sendo no verão auguada ; assim como fizer cada fiada, deve saber dar seus terços á cal mais forte, ou menos forte ; ha de saber fazer muito bem huma chaminé, e dar-lhe a sua conta, com a sua regoa, e prumo, segundo a sua largura, e altura ; ha de saber fazer hum portal de tijolo, huma janella, hum armario, e huma cantareira, e fechar tudo como a cada obra pertence, e metter cimalthas em caiamentos, fechar abobadas, assentar pedrarias de toda a sorte, e tudo mais que então se usar ; saberá bem telhar, fazer huma beira e sobrebeira, e sua ponta, como deve saber qualquer bom official. E sendo caso, que o que se quizer examinar de alvenaria, souber lavrar hum peitoril de pedra, humas sedas, humas couceiras, huns botões e hum cunhal, por serem peças que pertencem á alvenaria, poderão ser examinados das ditas peças com a dita alvenaria.»

* * *

«Todo o official que se quizer examinar do officio de pedreiro de pedraria, fará huma escada com o seu mainel traçado, e contrafeita assentada, e fará hum portal em sua conta com seu sobrearco capialçado, e traçará e contrafará huma columna do-

rica com sua base e capitel, e toda a obra acima dita, e será contrafeita em barro ; e os examinadores o verão obrar de mãos para lhe contar da sua sufficiencia, e o mais que no tempo se usar.»

* * *

«Quando alguém se quizer examinar do officio de carpinteiro de casas, os juizes examinadores d'este officio com o escrivão geral da Bandeira ; onde não sendo o pertendente conhecido por *official do officio*, ou *pelo ter aprendido*, será este obrigado a apresentar certidão do mestre com quem aprendeu o mesmo officio, em termos que se lhe haja de dar credito.»

«Depois que os Examinadores do mesmo Officio, perante o seu Escrivão geral, perguntarem ao examinando pelas cousas principaes do seu Officio, como por exemplo as regras de hum madeiramento, para se haver de cobrir hum edificio, as formas de frechaes, e de barrotes, que se devem observar ; armando-lhe por idéa uma casa esconça, para a idéa de hum madeiramento, como tambem pelo mais que possa accrescer.

«Assim mais lhe terão papel prompto em branco com regua, e compasso, e penna de lapis, para no mesmo papel mostrar o Examinando as figuras, que lhe houverem de pedir ; e caso que não saiba o dito Examinando responder ás perguntas, que se lhe fizerem, será escusada maior diligencia ; e os ditos Juizes Examinadores assignarão ao dito Examinando tres mezes, para nelles aprender, e se exercitar no que houver de responder, e delinear.

«Porém se ainda assim os não satisfizer, findo o dito termo, por nenhum modo o approvarão em quanto não constar de seu adiantamento : porém aquelle que satisfizer com promptidão ao que se lhe perguntar, e ao que se lhe mandar delinear, será logo approvado, e se lhe dará sua certidão de approvação para usar como Mestre de seu Officio.

Por estas disposições regulamentares se conhece a utilidade que resultaria para o publico de ter Mestres a quem confiar as obras dos seus predios, não estando sujeito, como presentemente acontece, a entregal-as nas mãos de leigos. A maior parte das casas são edificadas sem a precisa solidez, e sem esmero : sacrificam os proprietarios os seus cabedaes e expõem-se a soffrer algum desastre.

Convenho que a Casa dos vinte e quatro não estava hoje á altura dos progressos alcançados no correr dos tempos, mas não era isso uma razão para a abolir, antes para a reformar convenientemente.

Que aptidão podem adquirir os actuaes operarios sendo ensinados por mestres ignorantes das regras principaes dos seus respectivos officios? Demais, por parte dos aprendizes, existe o abuso de não completarem o tempo necessario de pratica com os mestres, (embora pouco habeis) pois que, passado um anno, ou mesmo ainda menos, abandonam a officina e arvoram-se em officiaes sem a capacidade requerida para exercerem o seu officio! Tomem-se, portanto, indispensaveis providencias para se evitar o prejuizo que poderá soffrer o publico, servindo-se d'esses operarios que não podem garantir a boa execução das obras, pois não apresentam qualquer titulo que abone o que sabem fazer.

Não se pretenda desculpar este grave abuso, pugnando pela liberdade individual de qualquer se applicar ao officio que mais lhe agradar; ha grande differença entre essa liberdade que a Lei concede ao cidadão e aquella que pode causar graves prejuizos do publico. É pois do dever do Governo evitar que isso aconteça deixando a cada um todavia exercer a livre escolha do officio; mas com a rigorosa obrigação, imposta ao operario, de adquirir primeiro as habilitações necessarias para que tal exercicio se faça, dando-lhe bom nome, sem comprometter a segurança e as posses das pessoas que lhe confiarem as suas obras.

Damos em seguida o curioso mappa dos officios que estavam embandeirados nos annos de 1620, 1803, 1824 e 1834, nos quaes se nota a alternativa que nos differentes officios se manifestava, ou pela decadencia d'elles, ou pela mudança de usos: mas

principalmente pela incuria de se observarem as disposições providentes para darem a precisa garantia ao publico servindo-se d'elles.

Parece que o uso de se barbear era maior no anno de 1824, porquanto em 1620 havia sómente metade do numero de officiaes embandeirados, talvez por se usar as barbas compridas.

O numero dos espadeiros em 1620 era maior do que em 1824, ficando reduzidos á vigesima parte, devido a não se usar de espadim.

Os ferreiros ficaram reduzidos á quarta parte nos annos acima citados.

Os sapateiros em 1803 eram mais uma quinta parte do que em 1620. Andaria grande parte do povo descalça?

Em 1620 havia 2:500 pedreiros, e em 1824 estavam reduzidos á quadragésima parte.

Os carpinteiros eram 1:000 em 1620, e em 1834 estavam já reduzidos a um undécimo d'esse numero.

Havia, em 1620, 54 confeiteiros, e em 1834 tinham augmentado o triplo.

Em 1620 a quantidade dos algibebes era superior quatro vezes mais do que no anno de 1834. Haveria menos reparo no corte do fato?

Os alfaiates tinham mais um terço em 1834, do que em 1620.

Em 1620 a quantidade de ourives do ouro era menos tres partes do que em 1834, porque os adreses femininos ostentavam-se com joias.

Os lapidarios eram cinco vezes mais em 1620, do que no anno de 1834.

Em 1803 os carpinteiros de carruagens eram nove vezes mais d'aquelles que estavam embandeirados em 1834.

E' para se notar que figurando os carapuceiros em 1620, já em 1824 se não fazia menção d'elles.

J. DA SILVA.

Architecto.

Mapa demonstrativo dos officios mechanicos embandeirados e não embandeirados, com o numero de mestres e officiaes de cada um dos differentes officios no anno de 1620, e egualmente dos mestres examinados nos annos de 1803, 1824 e 1834, d'onde se deduz o estado progressivo, estacionario e declinatorio, ou a extinção dos mesmos officios

Officios		1620	1803	1824	1834	Observações
EMBANDEIRADOS	S. JORGE					
	Barbeiro de barbear.....	152	358	370	223	Já em 1539 era cabeça d'esta bandeira.
	Barbeiro de guarnecer espadas....	143	8	7	9	
	Fundidor de cobre.....	4	32	42	30	
	Ferreiro.....	129	43	34	50	
	Serralheiro.....	44	84	110	106	Existia nos primeiros tempos da monarchia. A arte de ferrar foi inventada por Hercules Thebano, romano.
	Ferrador.....	38	48	52	31	
	Dourador.....	25	30	6	-	
	Batefolha.....	22	16	9	3	
	Espingardeiro.....	9	8	13	10	D. Affonso III e seu successor, assignaram as cartas de 33 mestres; ficando separado do officio de serralheiros em 1603.
	Cutileiro.....	15	17	14	11	
	S. MIGUEL					
	Livreiro.....	33	55	61	44	Na bibliotheca publica de Lisboa existem as optimas encadernações da edição Bodoni. Compromisso em 1466.
	Conteiro.....	40	10	10	-	
	Cirurgieiro d'agulha.....	84	39	31	10	Em 1602 já Cabedo refere a resolução tomada a respeito da disputa entre este officio e o de sombreireiro; prova da existencia dos dois
	Cirurgieiro de chapéus.....	-	18	18	21	Foi incorporado n'esta bandeira em 1768.
	Pentileiro.....	-	26	42	50	
	Luveiro.....	9	22	12	6	
	Albardeiro.....	17	42	43	45	Em 1620 comprehendia a denominação de latoeiro de fundição, o de folha branca e amarella. O 1.º regimento data da era de 1612. A reforma do seu regimento fez-se em 1636.
	Latoeiro de fundição.....	24	39	48	36	
	S. CRISPIM					
	Sapateiro.....	864	1:062	998	998	
	Odreiro.....	9	6	4	4	O seu regimento tem a data de 1551.
	Curtidor.....	80	7	6	-	Com os provimentos da junta do commercio passaram a ser fabricas de cortumes.
	N. S.ª DA CONCEIÇÃO					
	Surrador.....	56	28	60	30	
	Corrieiro.....	71	106	97	48	
	Selleiro.....	16	35	21	11	
	Freieiro.....	4	9	8	8	
	N. S.ª DAS MERCES					
	Pasteleiro.....	40	36	21	12	
	Torneiro.....	40	72	86	87	
	Latoeiro de folha branca (funileiro).....	-	56	82	67	
	Latoeiro de folha amarella.....	-	33	42	25	
	SANTA JUSTA E RUFINA					
	Oleiro.....	13	11	12	15	Exi-tia no tempo d'el-rei D. Affonso Henriques. Regimento antiquissimo, incluindo quatro ramos: o de oleiro de branco, de amarello, de vermelho e da maia.
	Sombreireiro.....	89	30	66	30	
	Chocolateiro.....	-	58	44	34	
	S. JOSÉ					
	Pedreiro.....	2:500	130	109	58	O regimento d'estes do's officios é de 1501.
	Carpinteiro de casas.....	1:000	176	182	108	
	Canteiro.....	-	-	-	-	Foi incluido no de pedreiro.
	Violeiro.....	18	17	7	4	
	Ladrilhador.....	12	9	5	2	
	S. GONÇALO					
	Tozador.....	34	6	-	-	Caducou em 1818.
	Vidraceiro.....	-	-	30	34	Entrou na bandeira em lugar d'este officio extinto no dito anno.
	Tintureiro.....	26	8	3	4	
	Esteireiro.....	28	18	13	14	O 1.º regimento era antiquissimo, o 2.º foi approvado em 24 de janeiro de 1640.
	Tecelão.....	12	39	12	15	
	N. S.ª DA OLIVEIRA					
	Confeiteiro.....	54	113	145	257	Teve principio em 1563, data do seu compromisso.
	Carpinteiro de carraagens.....	-	67	8	7	Fr. Nicolau d'Oliveira não es menciona no seu livro — <i>Grandezas de Lisboa</i> , impresso em 1620.
	Carpinteiro de jogos de carraagens.....	-	-	53	20	
	Picheleiro.....	14	26	14	13	
	N. S.ª DAS CANDEIAS					
	Alfaiate.....	250	357	210	356	Antiquissimo e confirmado o seu regimento em 1572.
	Bainheiro.....	6	14	10	3	
	Carapuceiro.....	12	2	-	-	Caducou em 1808.
	Algibebe.....	119	32	43	28	Era corporação antes de 1533. Teve novo regimento em 1575.
	N. S.ª DA ENCARNAÇÃO					
	Carpinteiro de moveis e semblazes.....	50	234	237	144	Officio muito antigo com o titulo de — Carpinteiros da Rua das Arcas
	Entalhador.....	9	53	20	9	
	Coronheiro.....	6	2	-	1	
NÃO EMBANDEIRADOS	Tanoeiro.....	54	64	54	28	Existia em corporação em 1400. O juiz do povo e escrivão eram d'este officio, e concorreram muito para a aclamação d'el-rei D. João IV, que por isso lhe concedeu muitos privilegios.
	Cerieiro.....	47	47	56	30	
	Ourives da prata.....	62	167	104	85	A baixella offerecida a lord Wellington mereceu em Londres o louvor d'obra primorosa.
	Lavrante.....	-	-	-	-	Incluido no numero dos ourives da prata.
	Ourives do ouro.....	70	153	243	186	Começaram em corporação logo que appareceu no reino o primeiro ouro, depois do descobrimento da India.
	Lapidario.....	70	68	34	13	Em 1790 havia já 137 mestres.
	Cordoeiro de esparto.....	-	18	10	6	Por provisão regia, estabeleceram-se uma fabrica de cordoaria de esparto piassaba, couro e cairo.
	Esparteiro.....	40	23	30	22	
	Cordoeiro de linho.....	9	44	37	25	Fr. Nicolau d'Oliveira o denomina — Cordoeiro de calabres.

SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA

EXPLICAÇÃO DA ESTAMPA N.º 44

Quando se contemplam as magestosas ruínas da antiga igreja do Carmo em Lisboa, na qual está estabelecido o Museu de Archeologia da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes desde o anno de 1864, ellas causam ao espectador uma justa admiração, pelas suas grandiosas dimensões, pelo seu aspecto monumental, e pelo typo característico da sua architectura. Não obstante as naves conservarem unicamente os seus elevados arcos ogivaes, e as paredes que limitam o espaço occupado por este profanado recinto religioso, conforme representa a vista que damos na estampa d'este numero do *Boletim*, attrahe muito a attenção do observador uma tão colossal fabrica, que tanto se distingue dos outros edificios que encerra a capital, e faz lamentar que uma construção d'esta ordem, que recorda um dos maiores feitos historicos da nação portugueza, permanecesse por tantos annos no vergonhoso abandono em que esteve, e não se trate da sua urgente restauração! E mesmo, se este edificio apparece agora com aspecto mais decente, foi devido á iniciativa da mesma Associação, pois conseguiu tirarem-se os entulhos que cobriam o chão proveniente do *lixo da cidade ali conservado*, e em tal quantidade, que fôram precisas 8:000 carroçadas para ficar o espaço limpo; bem como obteve da illustrada Municipalidade que mandasse construir o adro, afim de desobstruir o portal principal, pois a calçada havia soterrado todo o *envazamento das columnas* que o decoram assim como uma parte dos *fustes*; o que hoje permite gozar-se todo o conjuncto e belleza ogival do mesmo portal.

A igreja do Carmo foi fundada em 1389 e ficou concluida em 1422, sendo sagrada em 1428. O seu inclito fundador D. Nuno Alvares Pereira, fallecido n'este convento, foi sepultado na capella-mór em 10 de novembro de 1430, do lado do Evangelho. Para tudo concorrer a demonstrar o indifferntismo que tem havido, não só na conservação dos monumentos no nosso paiz, como na falta de veparação para com a memoria dos varões assignalados por valiosos serviços feitos á sua patria, a cella onde falleceu o Condestavel serve actualmente de sentina de um quartel!!!

Indicamos em seguida as dimensões d'esta igreja, o que serve para a comparação com as de outros edificios religiosos do reino, e para se conhecer qual é a grandeza relativa.

Tem, de comprimento, 71 metros e 94 centímetros; largura 22 metros; altura 24 metros e 64 centíme-

tros: o cruzeiro tem de comprimento 33 metros, e de largura 8 metros e 80 centímetros. Levou trinta e tres annos a construir, e os operarios venciam de salario 13 réis.

Tres irmãos artistas fôram os seus architectos, Affonso Annes, Gonçalo Annes e Rodrigo Annes.¹

Na estampa vão tambem representados differentes objectos archeologicos alcançados pelas nossas investigações no paiz, e que merece serem designados, para se avaliar a importancia da sua conservação no Museu.

O objecto que apparece logo no primeiro plano da estampa é a pia baptismal da antiga igreja patriarchal do Largo da Ajuda, pia em que depois se deitava de mólho o grão e o bacalhau de um regimento! Alli fôram baptisados todos os filhos d'el-rei D. João vi.

As duas pedras que estão depois, uma de cada lado da nave, pertenceram á sepultura de um israelita que falleceu no Algarve, como comprova o epitaphio n'ellas gravado; porém mais tarde serviram de *tronco para ferrar*, como mostram os *buracos circulares* com os quaes mutilaram algumas das siglas para lhes dar essa applicação!

A pequena columna gothica que está levantada no meio da nave, era o symbolo de jurisdicção que os frades de Alcobaça tinham no couto d'Evora, e no capitel está um vulto representando o abbade.

Esta columna achava-se apeada, e as suas pedras postas em um recanto da estrada, que era bastante estreita e as rodas dos carros quasi roçavam pelo lavor dos seus fragmentos!

Sobre o lado esquerdo do logar proximo da columna, vê-se uma grande bacia circular de marmore, com pouco fundo, pois servia de repucho n'uma sala em Azamor e foi trazida por Corrêa Simão para Portugal, quando fez a conquista d'aquella cidade. Offereceu ao infante D. Henrique esta peça, e o principe deu-a depois para a Sé de Faro; mas, por ser grande de mais para o uso da igreja, ficou abandonada no cemiterio, e ali esteve 40 annos, até que a adquirimos para o Museu.

Do lado opposto da mesma columna se vê o vulto da copia de uma estatua grega, que representa uma *canephora* do templo de Minerva em Athenas.

Por detraz da columna está collocado um sarcophago de marmore branco de Italia, com as suas esculpturas em alto relevo pouco visiveis por falta de luz, as quaes representam o côro das Musas, obra romana do iv seculo. O illustre archeologo

¹ Vêja-se o seu elogio historico, no *Boletim* n.º 8, 2.ª serie, 3.º Tom, pag. 120.

hespanhol D. José Amador de los Rios publicou-o na obra do Museu hespanhol de antiguidades, tomo 11, pag. 230, declarando não haver na Peninsula da Iberia outro *sarcophago d'aquella epoca*! Comprámos esta preciosidade de escultura romana que estava enterrada na lama em uma quinta da provincia da Extremadura, servindo para dar de comer a porcos!

A estatua de maior vulto que figura no ultimo plano é o Neptuno do antigo chafariz no Largo do Loreto. Tinha sido levada para um recanto da Mãe d'agua ás Amoreiras, d'onde podemos obtel-a para estar patente no Museu do Carmo. Alli se conservou, pelo espaço de 14 annos, exposta á apreciação dos conhecedores de Bellas Artes; porém, presentemente orna o pateo de um estabelecimento commercial pertencente a particulares!

Somos obrigados a referir um facto pelo qual tem sido injustamente bastante arguida a nossa Associação. Publicando-se agora a vista da igreja do Carmo, não podiamos deixar de mencionall-o para conhecimento da verdade.

Na occasião de se fazer o adro, os operarios da Camara Municipal, construindo a tã que separa da escadaria a rua, abriram uma caixa no cunhal Norte d'este edificio para assentar metade de um

marco, e mutilaram as letras de uma *inscripção antiga*! Logo que se viu esta destruição, demos parte a quem dirigia os trabalhos, para se corrigir aquelle erro, e ainda que repetidas vezes tenhamos instado, continua todavia a existir patente similhante mutilação archeologica! O publico que suppoz serem os trabalhos mandados fazer pela Associação, censurou-a asperamente quando aliás por esse facto não lhe pertence nenhuma responsabilidade.

Para a todo o tempo se saber como a inscripção deve ficar completa, aqui a transcrevemos conforme ella foi gravada:

NA ERA DE 1523, A 30 DIAS DO MES DE AGOSTO, FOI SAGRADO ESTE MOSTEIRO, POR DÕ AMBROSIO, BPO. DE RVSIONA Q. CONCE- DEO A TODO LOS VISITÄTES ESTA CASA 40 DIAS DE REMISA DOS PECCADOS, E PELA

ORDE SÃ CÕCEDIDOS 400 ANOS E 85 CORESMAS DE PERDÃ, E CADA DIA DO OVTAR.º 85 ANOS E 85 CORESMAS DE PERDÃ, A QUAL CÕSAGRAÇÃ SE FES PELA ALMA BRÃCA ROIZ TALHEIRA, Q. DEIXOV SVA FAZENDA AO MOSTEIRO DE NOSSA SRA.

J. DA SILVA.

CHRONICA DA NOSSA ASSOCIAÇÃO

Resultado das eleições na sessão da Assembléa geral da Real Associação dos Architectos e Archeologos portuguezes em 20 de Novembro de 1882, para o exercicio do anno de 1883.

ASSEMBLÉA GERAL

Presidente, Joaquim Possidonio Narciso da Silva — *Vice-Présidentes*, (architecto) Conselheiro João Maria Feijó — (archeologia) Visconde de S. Januario — *Secretario*, (architecto) Valentim José Corrêa — *Vice-Secretario*, Ernesto da Silva — *Secretario*, (archeologia) Visconde d'Alemquer — *Vice-Secretario*, D. José de Saldanha de Oliveira e Souza — *Thesoureiro*, Francisco da Silva Vidal Junior — *Bibliothecario*, Conselheiro José Silvestre Ribeiro — *Conservadores*, Conselheiro Jorge Cesar Figanière, General Antonio Pedro d'Azevedo.

SECÇÃO DE ARCHITECTURA

Presidente, Conselheiro João Maria Feijó — *Secretario*, Pedro Augusto Serrano — *Delegado*, José Maria Cagiani — *Supplente*, José Tedeschi.

SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA

Presidente, Ignacio de Vilhena Barbosa — *Secretario*, Luciano Cordeiro — *Delegado*, Ernesto da Silva — *Supplente*, Eduardo Dias.

SECÇÃO DE CONSTRUÇÃO

Presidente, General Antonio Pedro d'Azevedo — *Secretario*, Frederico Ressano Garcia — *Delegado*, Emiliano Augusto Bettencourt — *Supplente*, Alfredo Keil.

NOVOS SOCIOS EFFECTIVOS

Annibal Alvares da Silva — Antonio Ferreira Caldas — Antonio Maldonado Pimentel — Candido Mendes de Almeida — Conde de Aljesur — Fernando Mendes d'Almeida — Francisco da Silva Vidal Junior — João Antonio Freitas Fortuna — Joaquim José Rodrigues — José Heliodoro dos Reis e Sousa — Julio Carlos Mardel d'Arriaga — Manoel Falcão da Cotta Borbon e Menezes — Nuno Moraes do Couto Albuquerque da Cunha — Urbino de Freitas — Gerardo A. Pery, Socio da Academia Real de Sciencias — Victorino de Santa Anna Pereira d'Almada — Visconde de Rio de Vez.

D. Carolina Michaelis de Vasconcellos — Condessa da Torre — D. Candida Augusta Paes da Costa Nunes — Condessa da Praia da Victoria — Condessa do Lavradio — Condessa de Rio Maior (D. Maria) — Condessa de Geraz de Lima — Condessa de Castro — D. Carolina Coronado — D. Gertrudes Magna do Nascimento Margiochy — D. Izabel Faria da Conceição Ribeiro da Silva — D. Maria Emilia Caldas da Silva — D. Maria do Carmo Feijó de Sousa e Mello — D. Maria Batalhoz de Vilhena Barbosa.

*Para o Volume 3
debuta-tur com o Sr. Estragado*



Estampa 44.

Vista das Naves da antiga Igreja do Carmo em Lisboa, na qual está estabelecido o Museu de Archeologia d'esta Associação.

NOVOS SOCIOS CORRESPONDENTES

Abbade François Florian Romer (Hungria) — Alexandre Krausfils (Florença) — António Joaquim Vieira Pimentel (Elvas) — Antonio Thomaz Pires (Elvas) — Alfonso Passier (Paris) official da Instrução Publica — Dr. Anselmo d'Assis Andrade (Brazileiro) — Blomme de Namur (Belgica) Archeologo — B. Budham (Inglaterra) Archeologo — Conde Jean Zavissa (Polonia) Idem — Conde de Bivar (Francez) Idem — Conde da Praia da Victoria — Caetano Delfim Alvinhosa — Clemente Sipièrre (Toulouse) Archeologo — Delaport (Paris) Archeologo — Emilio Travers (Caen) Litterato — Eusebio David Nunes da Silva — Emilio Bigo — Foulhous — Fernando Anselmo Pires (Elvas) — Francisco Neves de Castro (Porto) — P. Herman Sazaaffleman, Archeologo (Alemanha) — Henri Martin, Membro do Instituto (Paris) — Luiz Porto de Mesquita e Carvalho — Juan Villanova (Hespanha) Archeologo — José Nunes da Silva Sobrinho — João Mastarel — João Dias de la Rad — Joaquim da Rocha Esperança — Miguel Velasco y Santos (Valencia) Archeologo — Meschinet De Richemond (Rochella) Litterato, official da Instrução Publica — P. A. Berenguez (Madrid) Engenheiro — Paul Crepy — Solun, architecto russo — Zeferino Brandão (Santarem) — D. Nicolau Dias y Peres, archeologo hespanhol — Luiz Eugenio Mayer (Francez) official da Instrução Publica.

SOCIOS LAUREADOS NOS ULTIMOS TRES ANNOS

MEDALHAS CONFERIDAS

De prata ao Sr. Ignacio Vilhena Barbosa
 » » ao Sr. Visconde de S. Januario
 » » ao Sr. Conselheiro José Silvestre Ribeiro
 De cobre ao Sr. Cesario Augusto Pinto.

Um lindo padrão de azulejos de fabrica hollandeza, acaba de ser descoberto no arsenal da marinha. Pertenciam ao antigo palacio do Córte Real, que depois foi palacio real, e que tinha frente para

o largo do Corpo Santo, achando-se na profundidade de cinco metros da calçada actual do referido largo. Os azulejos, com outros fragmentos ali achados, estão expostos no museu do Carmo.

Quatro chaves com as guardas historiadas, que pertenceram ao antigo mosteiro de Santa Clara de Santarem, foram offerecidas pelo socio correspondente, o distincto archeologo hespanhol sr. D. Nicolau Dias Peres, para o dito museu.

O socio honorario, o sr. conde de Marsy, descobriu em França o cunho do brazão de um antigo nobre portuguez, com a legenda — s. DOMNO PETRUS COMES BARCELOS — e espera obtel-o para juntar á colleção que possuímos.

Uma planta dos vestígios das antigas construcções do palacio de D. Pedro II, outr'ora situado no largo do Corpo Santo, foi offerecido pelo sr. architecto Pérezat para o nosso archivo.

Um dos tijolos romanos pertencentes ás thermas da cidade de Nabancia, descoberta ultimamente feita pelo sr. Possidonio da Silva, foi offerecido para o nosso museu. Os romanos fabricavam-n'os para servirem unicamente na construcção dos pilares do *Hypocaustum*. Este exemplar é o primeiro encontrado no nosso paiz.

O illustre presidente da nossa Associação, sr. commendador Joaquim Possidonio Narciso da Silva, foi nomeado, em 4 de outubro, socio correspondente da Academia de Bellas Artes e Sciencias da Rochella; em 8 de novembro, socio correspondente da sociedade das Sciencias Naturaes de Charente Inferior (França); e, por decreto de 15 de novembro, official da Legião de Honra.

Taes distincções importam a confirmação de algumas palavras que em honra de s. ex.^a foram escriptas no antecedente numero d'este Boletim.

Honra á classe e á Associação dos Architectos e Archeologos Portuguezes!

NOTICIARIO

Realisou-se no domingo 19 de novembro, ao meio dia, no theatro Gil Vicente, do Porto, a abertura do congresso de ceramica, de que foi principal promotor o nosso consocio o sr. Joaquim de Vasconcellos. Presidiu o sr. dr. José Fructuoso Ayres de Gouveia Osorio.

Projecto de quesitos para a discussão

ENSINO

1.º Qual é o systema de ensino na olaria portugueza?

- a) Duração da aprendizagem?
- b) Ha ensino de desenho?
- c) Ha ensino de modelação?
- d) Ha ensino das formas?
- e) Ha colleções de modelos?
- f) Ha compendios?

MATERIAL

1.º Em que estado está entre o oleiro o estudo das materias primas, dos barroos?

2.º Quaes são as misturas de barroos usadas entre os oleiros portuguezes?

3.º Quaes são os barroos vermelhos, brancos, pretos, amarellos, etc., portuguezes, de maior reputação actualmente?

4.º Quaes são os materiaes que entram actualmente na composição da faiença portugueza, e quaes são os nacionaes e quaes os estrangeiros?

5.º Quaes são as receitas de vidros mais usadas, e qual é a procedencia dos materiaes empregados?

6.º Quaes são os processos da pintura da louça, composição das côres; qual a procedencia dos materiaes para ellas?

7.º Quaes são os instrumentos menores usados pelo oleiro portuguez?

8.º Quaes são os typos de fornos usados para a louça vermelha vidrada, a louça branca (faiença), a porcellana?

9.º Qual é o combustível usado?

RELAÇÕES ECONOMICAS

1. Condições de venda da olaria portugueza. Preços originaes e preços de commercio. Exportação, importação. Direitos da pauta aduaneira.

1. Qual a sorte do oleiro portuguez na velhice? Ha soccorros? Ha sociedades cooperativas?

Ha pensões, ha premios nas fabricas? Ha regulamento normal nas horas de trabalho?

Ha garantias no trabalho das mulheres e menores?

1. Fundação de um museu de louça portugueza.
2. Fundação de uma galeria de modelos (estampas) de estylo.

3. Fundação de um pequeno laboratorio.

4. Fundação d'uma aula de desenho e modelação.
Como suppõem os membros da classe que se possam crear estes elementos (1-4), gradualmente, e com a maior economia?

Na sala da associação dos jornalistas e escriptores portuguezes começou, em 12 de dezembro corrente, o sr. Consiglieri Pedroso, distincto professor do curso superior de lettras, a segunda serie das suas conferencias sobre historia universal, cujo programma foi assim redigido:

1.º O mundo antigo e o mundo moderno—Roma e a idade media; 2.º As invasões (os barbaros); 3.º Carlos Magno, ou a unidade no mundo barbaro; 4.º O feudalismo ou organização da idade media; 5.º A egreja—Gregorio VII—O papado; 6.º Os arabes—O Kalifado de Cordova; 7.º As Cruzadas; 8.º As communas; 9.º A realza—Começo da era moderna; 10.º A reforma; 11.º A renascença; 12.º Os descobrimentos; 13.º A revolução ingleza; 14.º A revolução nos espiritos do seculo XVIII; 15.º A revolução franceza; 16.º Tendencias do seculo XIX.

A entrada é publica e a abertura ás 8 horas da noite.

Concurso de archeologia

Foi aberto em Barcelona o concurso para a adjudicação do premio de 20:000 pesetas ao auctor da melhor memoria original sobre *archeologia hespanhola*, podendo os concorrentes escrevel-a em castelhano, francez, portuguez, latim, catalão ou italiano. As memorias serão abertas no dia 23 de outubro de 1886, e o premio será adjudicado no dia 23 de abril de 1887, festa de S. Jorge, padroeiro da Catalunha. O premio é cumprimento do legado instituido por D. Francisco Martorell y Pèna. O auctor da obra a que seja adjudicado o dito premio deve publicar-a dentro do praso de dois annos, e se não o fizer, a municipalidade de Barcelona a cargo da qual ficou este concurso, fará essa publicação, perdendo o auctor o direito de propriedade que no caso contrario lhe é assegurado.

Chegou a Berlim um transporte de madeira proveniente da ponte de Castella Mayence, construida 53

annos antes da era christã. Parte d'essa madeira é destinada ao museu de Berlim. Aquelles pedaços de carvalho têm uma antiguidade superior a 1935 annos.

A cidade de Bogota, capital dos Estados Unidos de Colombia, na America do Sul, inaugurou em 31 de maio ultimo, um observatorio astronomico, ao qual chamaram «Observatorio Flammarion» em honra do celebre astronomo francez.

O sabio allemão Schliemanse descobriu nas ruinas de Troia o celebre templo de Pháris, de que falla Homero no livro VI da *Illiada*.

O numero de periodicos que actualmente se publicam em todos os paizes, é de 34:000, fazendo uma tiragem de um billião e cem milhões de exemplares diariamente.

Um capitalista hespanhol está construindo na setima avenida de New-York oito grandes edificios de 10 andares, que se chamarão: Madrid, Lisboa, Cordova, Barcelona, Granada, Salamanca, Valencia e Coimbra.

O periodico mais antigo do mundo, o *King-Pau*, de Pekin, mudou de formato em 4 de junho ultimo, em virtude de um decreto do imperador Quang Soo.

O primeiro numero d'esta veneravel publicação data do anno 911 da nossa era; então apparecia ao publico de uma maneira intermittente; mas desde o anno de 1351 publicou-se o *King-Pau* regularmente uma vez por semana.

Em 1804 soffreu este periodico outra transformação, tornando-se diário, e custava dois *tehs* ou dez reis; actualmente publica pelo mesmo preço tres edições diarias. A da manhã, impressa em papel amarello, é destinada ao commercio e tiram-se d'ella 8000 exemplares; a do meio dia contem a parte official e as noticias diversas; e a da noite, impressa em papel encarnado, contém os artigos de fundo e o extracto das outras duas edições.

Este jornal é redigido por dois academicos da academia das sciencias, pagos pelo estado.

A tiragem das tres edições não excede a 14:000 exemplares, o que não é muito para um periodico de Pekin e que conta dez seculos de existencia.

A Italia vae erigir um monumento a Raphael.

O monumento consistirá n'uma estatua levantada sobre um grande pedestal, em volta do qual o artista poderá collocar figuras secundarias e baixos relevos.

As estatuas serão de marmore de Carrara; os baixos relevos de bronze.

Será na praça principal de Urbino, patria de Raphael, que se fará a inauguração do monumento.

Abriu-se já o concurso, mas é natural que os artistas italianos sejam os unicos admittidos a concorrer.